



SER BONITA É SER VOCÊ: PROJETO SOBRE EMPODERAMENTO FEMININO EM ESCOLAS

TO BE BEAUTIFUL IS TO BE YOU: PROJECT ON FEMALE EMPOWERMENT IN SCHOOLS

Cristina Reis de Sousa Prata ¹
Helaine Santos Leal ²

Manuscrito recebido em: 29 de outubro de 2023.

Aprovado em: 26 de dezembro de 2023.

Publicado em: 27 de dezembro de 2023.

Resumo

Introdução: O artigo trata-se de um relato de experiência que foi construído a partir do Projeto intitulado “Ser bonita é ser você: Projeto sobre empoderamento feminino em escolas” no qual duas coordenadoras conviveram com jovens estudantes, em encontros semanais, no ambiente escolar. O projeto foi desenvolvido entre os anos 2017 e 2023, em três escolas municipais de Belo Horizonte, da regional Pampulha. Em cada escola o Projeto aconteceu durante 01 a 02 anos, aproximadamente. **Objetivo:** Garantir uma educação de qualidade social, baseada nas relações étnico-raciais e de gênero, e o empoderamento a grupos de alunas. Para isso, utilizamos abordagens interacionais e dialógicas em consonância à educação antirracista e antissexista que prioriza a sensibilidade, a afetividade e o empoderamento feminino. **Método:** Utilizamos encontros e debates interpessoais, intrapessoais e sistemáticos, que aconteceram, semanalmente, entre um grupo de alunas, com idade entre 06 e 14 anos, e as coordenadoras pedagógicas. **Resultados:** Pudemos perceber que para além do objetivo inicial, houve para as estudantes, autonomia no pensar e agir, criticidade, engajamento e cidadania. Para as coordenadoras pedagógicas houve um crescimento profissional e aprendizado. **Conclusão:** Percebemos a potencialidade do projeto no e para o empoderamento feminino, na valorização da autoestima e na construção de uma educação de qualidade social.

Palavras-chave: Educação; Raça; Gênero.

Abstract

Introduction: The article is an experience report that was built from the Project entitled “Being beautiful is being you: Project on female empowerment in schools” in which two coordinators spent time with young students, in weekly meetings, in the school environment. The project was developed between 2017 and 2023, in three municipal schools in Belo Horizonte, in the Pampulha region. In each school, the Project took place for approximately 1 to 2 years. **Objective:** To guarantee quality social education, based on ethnic-racial and gender relations, and the empowerment of groups of students. To achieve this, we use interactional and dialogical approaches in line with anti-racist and anti-sexist education that prioritizes sensitivity, affection and female empowerment. **Method:** We used interpersonal, intrapersonal and systematic meetings and debates, which took place weekly between a group of students, aged between 6 and 14, and the pedagogical coordinators. **Results:** We were able to see that in

¹ Mestra em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professora na Rede Municipal de Belo Horizonte.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-3417-8889> E-mail: cristina-souza@edu.pbh.gov.br

² Mestra em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professora na Rede Municipal de Belo Horizonte.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1932-1790> E-mail: pcrescuneb@gmail.com



addition to the initial objective, there was autonomy for the students in thinking and acting, criticality, engagement and citizenship. For the pedagogical coordinators, there was professional growth and learning. **Conclusion:** We realized the potential of the project in and for female empowerment, valuing self-esteem and building a quality social education.

Keywords: Education; Race; Gender.

INTRODUÇÃO

A escola é um espaço em que os desafios e a complexidade surgem de forma interconectada. Escola é movimento. Escola é vida. A cada ano novas demandas surgem colocando em destaque os conflitos geracionais, interpessoais, raciais, de religião, de gênero e outros marcadores sociais e, a possibilidade de uma formação cidadã e libertadora. Educadoras(es) precisam estar abertas(os) ao convívio saudável, ao diálogo e à comunicação não-violenta. É importante ressaltar que optamos pela linguagem inclusiva. Escrevemos sobre o gênero feminino em consonância com a Lei nº 11.167/2019 que determina a flexão de gênero na alusão a cargos, a empregos e a funções públicas em documentos expedidos por órgãos e por entidades da administração pública municipal direta e indireta do município de Belo Horizonte.

Neste relato abordaremos uma experiência (trans)formadora entre coordenadoras pedagógicas e alunas, com idade entre 06 e 14 anos, que percorreram um trajeto que extrapolou os desafios cotidianos do ambiente escolar. Resolvemos partir para a ação por meio de ações educativas que foram pensadas para produzir significados a curto e médio prazos. Colocamos em prática ações pedagógicas que tinham como objetivo levar ao enfrentamento os sistemas de opressão, principalmente, relacionados ao racismo, sexismo e opressões de classe.

Por compreendermos a escola como um espaço de complexidade e de vida e, portanto, lugar de movimento, nós, coordenadoras pedagógicas, tivemos um olhar sensível quando iniciamos o Projeto nas escolas da Rede Municipal, localizadas na regional Pampulha, na cidade de Belo Horizonte. Esse projeto aconteceu em três escolas, entre os anos de 2017 e 2023. Na coordenação tínhamos uma procura constante, por parte de alunas, de uma escuta dos conflitos pessoais, interpessoais e familiares. Sentimos que precisávamos agir. Nossa concepção de Educação enfatiza a sensibilidade e a afetividade nos processos formativos e acreditamos, como nos diz Luana Tolentino (2018), que “Outra Educação é possível”.



Nesse sentido, diante das vulnerabilidades das estudantes, das dificuldades de aprendizagem, das interações estabelecidas e das demandas trazidas a cada encontro, fomos impulsionadas, coordenadoras e alunas, “como fluxo e motor que jorra forças e possibilita entrar em devires” (Paraíso, 2015, p.50). Procuramos assegurar as condições adequadas para a garantia de ambientes de aprendizagem seguros, mais humano e não violentos, determinantes no enfrentamento às desigualdades de gênero, raça e etnia nas escolas.

A fim de traçar caminhos na esperança de elevar a autoestima das estudantes e garantir seu direito à educação de qualidade social, procuramos desenvolver atitudes e valores do grupo por meio de uma ação afirmativa positiva e com práticas de cuidado contracoloniais. A relação das coordenadoras com as alunas dos encontros era engajada com fazeres e saberes que ampliaram as possibilidades de enfatizar as relações étnico-raciais e de gênero.

Neste relato as escolas nas quais foram desenvolvido o Projeto receberá nomes fictícios, mais precisamente, nomes de Adinkras (os Adinkras são um conhecimento e uma tecnologia ancestral africana, que trabalha no campo da linguagem. Nesse sentido, são ideogramas que expressam valores tradicionais, ideias filosóficas, códigos de conduta e normas sociais). A 1ª escola será chamada por Duafe (palavra de origem africana que significa beleza, higiene, qualidades femininas), nesta escola, o Projeto aconteceu durante o ano de 2017. A 2ª escola será chamada por Sankofa (palavra de origem africana, significa aprender com o passado), nesta escola, o Projeto aconteceu entre 2018 e 2019; a 3ª escola será designada por Mate Masie (sabedoria, conhecimento, qualidades de prudência), nesta escola, o Projeto aconteceu nos anos de 2022 e 2023.

A prática pedagógica das coordenadoras coaduna com as Diretrizes da Educação para as Relações de Gênero que nos diz sobre o papel da escola na promoção da equidade de gênero:

[...] A equidade de gênero é um dos fatores que contribui para a cultura da paz e para a promoção dos direitos humanos em diálogo constante com os atravessamentos escolares que envolvem: os valores étnicos e de raça, com foco na cultura e na visibilidade de estudantes negros, indígenas, ciganos, quilombolas e amarelos; as questões da acessibilidade de estudantes com deficiência; e as relações da multiplicidade geracional nos espaços educacionais. É importante salientar que, apesar do recorte temático de gênero, os aspectos aqui tratados não podem ser analisados isoladamente de seu contexto social, econômico e cultural, devendo estar inseridos na discussão ampla do currículo e das aprendizagens (Belo Horizonte, 2015, p.13).



Entendemos a escola como um espaço para se aprender a conviver com as diversidades e compreendemos a importância de embasar o Projeto nos marcos legais. Isso caminha ao encontro dos objetivos da Década Internacional da Afrodescendência (2015-2024) instituída pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas – ONU, por meio da Resolução nº 68/237 (Brasil, 2015), que visa reforçar a ação e a cooperação nacional, regional e internacional para garantir o pleno gozo dos direitos econômicos, sociais, culturais e educacionais, civis e políticos dos(as) afrodescendentes, e sua participação plena e igual em todos os âmbitos da sociedade.

Enfatizamos nossa ação pedagógica também na necessidade de implementação da Lei nº 10.639/2003, da Lei nº 11.645/2008 que tratam, respectivamente, da obrigatoriedade da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena; e da Lei nº 13.146/2015 que institui a inclusão da pessoa com deficiência, visando sua inclusão social e cidadania.

Além disso, nos baseamos na adesão da Prefeitura de Belo Horizonte à Plataforma “Cidade 50-50: todos e todas pela igualdade” em 2018. Essa Plataforma tem como objetivo o reconhecimento da importância das políticas públicas para a promoção da igualdade de gênero e para o empoderamento das mulheres no território das cidades, nos âmbitos privado e público, na economia, na política, na saúde, na educação, no lazer dentre outras áreas que convergem para a cidadania.

Outro fundamento para o Projeto foi o Plano Municipal de Equidade de Gênero (2019) que compreende, de acordo com a ONU Mulheres, o eixo de Educação Inclusiva com o intuito de desenvolver temas relacionados à igualdade de gênero e raça, na educação e no cotidiano social. Para a Plataforma 50-50, o eixo corresponde ao desenvolvimento de ações formativas em gênero e raça nas escolas municipais, com profissionais, estudantes e toda a comunidade escolar. Desse modo, torna-se fundamental conceber uma Educação Inclusiva na perspectiva da interseccionalidade no contexto escolar.

Entendemos que o ambiente escolar é considerado um espaço microssocial e plural no qual as transformações e hábitos da sociedade têm interferência direta naquele. As características da sociedade são reproduzidas nas relações cotidianas da escola. Relações que podem se tornar conflitivas e, quando o diálogo não é



estabelecido, percebemos ocorrências de violência, seja ela física ou psicológica. Assim, promover espaços de convivência com a presença do diálogo para a mediação de conflitos é essencial, tanto para a resolução desses momentos no interior da escola, como também ação pedagógica com uma formação cidadã.

Valorizar ações com a presença do diálogo produz ações com o intuito de promover o cuidado de si e o cuidado da outra pessoa. Nesse sentido, a escola tem a possibilidade de influenciar o âmbito social pois formam, juntamente com a família, o conteúdo de valores culturais transmitidos às gerações futuras (Rossini, 2006). Compreendemos, que a implantação de mudanças para promover a equidade de gênero e étnico-racial é um processo. A proposta político-pedagógica da escola pode e deve enfatizar esse processo e implementar as leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008. Segundo Ribeiro (2019), o antirracismo é uma luta de todas e de todos e, de acordo com Gomes (2006), no caso da escola, essa responsabilidade é, sobretudo, dos(as) docentes e pedagogos(as).

Corroborando com esse pensamento, de acordo com Bairros (1995), do ponto de vista da mulher negra é preciso refletir se a luta é contra o sexismo ou contra o racismo, já que as duas dimensões não podem ser separadas. Do ponto de vista da reflexão e da ação políticas uma não existe sem a outra (Bairros, 1995, p. 461). Nesse mesmo caminho de pensamento, Hooks (2013) nos diz que é preciso fortalecer uma educação humanista - antirracista, antissexista, anti-homofóbica e etc - que compreenda as singularidades do(a) sujeito(a) e que garanta a participação dos(as) estudantes para que possibilite o senso crítico deles(as) e possa valorizar uma prática que liberte as minorias das opressões.

Neste artigo, tomamos o conceito de empoderamento feminino da pesquisadora Djamilia Ribeiro (2018) que nos diz que para o feminismo negro, o empoderamento feminino:

Trata-se de empoderar a si e aos outros e colocar as mulheres como sujeitos ativos da mudança. [...] O empoderamento sob essa perspectiva significa o comprometimento com a luta pela equidade. Não é a causa de um indivíduo de forma isolada, mas como ele promove o fortalecimento de outros com o objetivo de alcançar uma sociedade mais justa para as mulheres. É perceber que uma conquista individual não pode estar descolada da análise política (Ribeiro, 2018, p.135).



Nesse sentido, nossa prática, enquanto coordenadoras pedagógicas, foi realizar o Projeto com a intenção de empoderar as estudantes como sujeitas de direito, sujeitas com a consciência dos seus problemas e que podem criar estratégias para combatê-los.

Nessa perspectiva, podemos olhar as ações no contexto educativo de forma diferente, olhar o(a) sujeito(a) de forma integradora, com afetividade e acolhimento. Magalhães (2011) afirma que o modo de educar

[...] também passa pela possibilidade de admirarmos e celebrarmos a vida; notar sua beleza, sua complexidade e, através da valorização da afetividade e da sensibilidade humanas, mas não exclusivamente por meio delas, perceber que vivemos numa realidade totalmente interconectada, sinérgica, sincrônica, portanto, viva e ativa (Magalhães, 2011, p.165).

Esse modo de educar transgride o modo linear, fragmentado e desconectado que ainda percebemos na educação. Isso caminha no sentido de promover a transdisciplinaridade nos processos formativos, pois podemos dar ênfase aos aspectos cognitivos, mas não só, também aos afetivos, compreendendo que esses aspectos marcam e determinam a qualidade das aprendizagens dos(as) sujeitos(as). Magalhães (2011) enfatiza que:

Práticas educativas são permeadas por sentimentos de acolhimento, simpatia, cooperação, solidariedade, respeito e apreciação, compreensão, aceitação e valorização do outro não só marcam o desenvolvimento humano, como também a relação do aluno e da aluna com o objeto de conhecimento, a qualidade dos vínculos que se estabelecem entre os sujeitos-sujeitos e entre os sujeitos e os objetos do conhecimento (Magalhães, 2011, p.167).

Ou seja, essas práticas educativas que os(as) sujeitos(as) experimentam entre si e entre os(as) sujeitos(as) com o objeto de conhecimento destacam a importância da constituição de uma razão-afetivo-sensível na tessitura da existência humana.

RELATO

O Projeto “Ser bonita é ser você: **Projeto sobre empoderamento feminino em escolas**” teve a intenção de desenvolver o protagonismo estudantil, o empoderamento feminino, destacando-o como espaço do diálogo para o autoconhecimento, empatia, valorização da vida, cuidado do próprio corpo, valorização da vida cultural e liberdade de expressão.



Na Escola Duafe criamos o Projeto devido às demandas que as alunas traziam à coordenação pedagógica: conflitos intrapessoais, interpessoais, familiares, sociais e a necessidade de um espaço em que pudessem falar e serem ouvidas. Nas Escolas Sankofa e Mate Masie convidamos algumas estudantes que demonstravam certo empoderamento para participar e colaborar com o engajamento nos encontros. Desse modo, convidamos as estudantes que traziam demandas e conflitos e as estudantes que demonstravam uma autoconfiança fortalecida. Nas três escolas em que desenvolvemos o Projeto, procuramos fazer uma reunião com a direção e a equipe pedagógica e informamos às famílias sobre os objetivos a serem alcançados. Deixamos bem estabelecidos os objetivos do Projeto para não ser confundido com uma terapia de grupo.

Solicitamos, à equipe pedagógica, indicação dos nomes das estudantes que poderiam e precisavam participar dos encontros semanais, durante 01 hora e assim, fizemos o convite a cada uma delas. Na Escola Duafe, o grupo das estudantes eram dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, com idade entre 10 e 14 anos. Na Escola Sankofa, participaram apenas alunas dos anos iniciais, com idade entre 09 e 10 anos. E na Escola Mate Masie, as alunas participantes eram dos anos iniciais e finais, com idade entre 06 e 12 anos. O número de participantes sempre ficava em torno de 15 a 20 alunas.

No início do Projeto, nós, coordenadoras pedagógicas, preparamos algumas placas com o escrito “Ser bonita é ser você”, solicitamos que as alunas customizassem as placas com materiais recicláveis. Em seguida, espalhamos as placas pelos espaços da escola, preferencialmente, nos espaços próximos aos espelhos. Posteriormente, as coordenadoras e as estudantes preparavam e enfeitavam as placas usando materiais recicláveis, lantejoulas, colas coloridas, flores de papel, barbantes coloridos, dentre outros materiais.

O próximo passo foi procurar parcerias com os setores da escola e/ou universidades, Unidade de Saúde para trazer os debates com temas da atualidade ao grupo. O Projeto teve a indicação, de uma professora de ciências, de um documentário sobre o aparelho reprodutor feminino; a participação de bibliotecárias, de profissionais do programa saúde na escola, dentre outros(as) profissionais.



As estratégias pedagógicas usadas foram debates, vídeos, literatura afro-brasileira e indígena, agenda gratuita cultural e política, por meio de sugestão de visita aos museus da cidade, participação em conferências municipais da educação e da promoção da igualdade étnico-raciais. Importante ressaltar que as estratégias foram usadas de acordo com a idade das estudantes. Assim as músicas, minibiografias, blogs visavam a valorização da cultura e a história afro-brasileira e indígena. Utilizamos os livros: “As heroínas negras brasileiras – em cordel” da escritora Jarrid Arraes e trechos do livro “Cadernos negros” para as estudantes dos anos finais, dentre outras. Literaturas infantis, tais como: “Minha mãe é negra sim”, “Meu cabelo é de rainha”, “Amor de cabelo”, “A neta de Anita”, “Betina” e outros para as estudantes dos anos iniciais. Os debates começavam por meio dessas estratégias literárias, ou por meio de demandas que as estudantes traziam. Após as leituras havia a intencionalidade de comentá-las por meio de esquetes, debates e/ou resumos orais.

A Pedagogia da Escuta era praticada nos encontros por parte das coordenadoras com o intuito de engajar e valorizar a livre expressão das alunas e acolhê-las em suas pluralidades. A escuta implica “reconhecer as muitas linguagens, os muitos símbolos e códigos que as pessoas usam para se expressar e para se comunicar” (Rinaldi, 2016, p.236).

Aos poucos a (con)vivência entre as estudantes e as coordenadoras fortaleciam os laços de sensibilidade e afeto. Nossa intencionalidade político-pedagógica baseou-se em uma ética do diálogo como espaço para exercícios de transformação, de autorrecuperação e de construção de um grupo de convivência e aprendizagem que pudesse se movimentar por meio de ensinamentos e representatividade de mulheres intelectuais. E como destaca Ribeiro (2018), cada mulher pode criar em seu espaço de atuação formas de empoderar outras. Assim, nós, coordenadoras pedagógicas, procuramos criar esse espaço por meio do Projeto com as estudantes.

A cada encontro eram feitos registros com fotos, lista de presença dentre outras atividades para colocar em prática as ações antirracistas, antissexistas e para o empoderamento feminino.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Nós, coordenadoras pedagógicas, e a equipe de docentes das escolas percebemos que as estratégias adotadas com o grupo, foram tornando-se mais atraentes e mais significativas às estudantes. Em alguns momentos, elas solicitavam a participação de outras colegas ao grupo.

O espaço dos encontros era transitório, algumas vezes, na sala de informática, na biblioteca ou em espaços abertos na escola. As estratégias utilizadas proporcionaram uma relação mais horizontalizada entre as participantes e as coordenadoras. Esse nosso fazer rompia com o modelo tradicional pedagógico e proporcionava modos emancipatórios do educar e do cuidar.

Importante salientar que essa experiência, nas três escolas, aconteceu mediante algumas formações dos(as) professores(as) cuja temática foram as relações étnico-raciais. Formações propostas pela gestão, coordenação e/ou docentes de modo interno ou externo às escolas. Na 1ª escola chamada por Duafe, as formações aconteceram em serviço, bem como, com as formações oferecidas pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED). Na escola Sankofa aconteceram formações como convite, sem ter a obrigatoriedade de estar toda a equipe e/ou por adesão. Na Mate Masie aconteceram algumas formações de forma virtual e uma presencial, no ano de 2023, para toda a equipe de profissionais da educação, incluindo monitores(as) e auxiliares de apoio às pessoas com deficiência.

Nas três escolas, a coordenação pedagógica buscou parcerias com alguns setores e profissionais da educação, tais como, bibliotecárias(os), docentes, PEI - Programa da Escola Integrada e com outros Projetos desenvolvidos nas escolas que valorizavam uma Educação Antirracista. Foram produzidos murais feitos por bibliotecárias e professoras em comemoração ao Dia 25 de maio, dia da África e o outro reconhecendo o provérbio africano.

Ao realizar o Projeto nas três escolas, percebemos que as ações educativas desenvolvidas promoveram a valorização das relações étnico-raciais e de gênero de modo que foram construídos processos formativos implicados com a produção do cuidado, da sensibilidade e das práticas de enfrentamento ao racismo e ao sexismo. Podemos perceber que a experiência desse Projeto foi positiva, devido ao protagonismo das estudantes, às trocas de experiências, às vivências e histórias de vidas. Constatamos que a vivência do Projeto trouxe visibilidade e um certo



empoderamento às estudantes, visto que, algumas alunas mostraram um maior interesse em buscar o conhecimento da sala de aula. E, a cada encontro, as rodas de conversa, as temáticas debatidas e ouvidas pelas estudantes e as coordenadoras fortaleceram o diálogo e a mediação de conflitos.

Durante o desenvolvimento do Projeto obtivemos alguns relatos:

“Eu acho que o nome do Projeto já diz: Ser bonita é ser você. É você ser o que sente confortável em ser e não o que a sociedade vai fazer você se transformar ou vai te moldar. O Projeto diz: ser o que você é” (Estudante A dos anos finais da Escola Duafe).

“Primeiramente não há por que competir para ter mais espaço do que outra mulher. Somos todas fortes, lindas, guerreiras e devemos nos apoiar. [...] Bonito é ser o que você é!” (Estudante B dos anos finais da Escola Mate Masie).

Podemos perceber que os relatos das estudantes enfatizam as questões demandadas no que se refere ao diálogo, à escuta, e à importância da representatividade e autoestima. Essas demandas eram também objetivos do Projeto. Na mesma direção dos objetivos do Projeto, a pesquisadora Assis (2019) enfatiza que é preciso que haja, na escola, mudanças conjuntas e que surtam efeito a médio e a longo prazo, apostando tanto em mudanças estruturais e reflexões individuais. Para que isso aconteça ela cita algumas alternativas:

1. Transformações curriculares a fim de incluir a história dos grupos historicamente marginalizados a partir de seus próprios pontos de vista;
2. Formação profissional dos[as] envolvidos[as] na comunidade escolar no sentido de ampliar os conhecimentos sobre os mais diversos marcadores sociais e sua aplicação no contexto da escola;
3. Criação de um ambiente de escuta sensível no qual professores/as e estudantes possam dialogar sobre seus lugares de fala; entendendo que todo ponto de vista agrega de forma peculiar para a comunidade em questão [...] (Assis, 2019, p.50).

Essas alternativas pontuadas pela pesquisadora foram ações pedagógicas que, nós coordenadoras, exercitamos nas escolas por meio do Projeto. Procuramos trabalhar juntamente com a equipe pedagógica e gestão, com o intuito de praticar ações para uma educação antirracista e antissexista no cotidiano das três escolas em questão. Embora sejam ações desafiantes, o Projeto é um exemplo de proposta que dá vez e voz às estudantes que, em sua maioria, são pertencentes aos grupos minoritários nos ambientes escolares.



De acordo com as ações a médio e a longo prazos, obtivemos alguns relatos, durante o desenvolvimento do Projeto. Pudemos notar que não só as estudantes participaram e foram impulsionadas pela frase nas placas utilizadas.

“O Projeto é uma bela iniciativa de valorização ao autoconhecimento e autoconfiança das alunas e profissionais da escola. As frases espalhadas na escola nos fazem lembrar a todo momento que a maior beleza está dentro de nós mesmas!!! Sem contar que tudo é feito com material reciclável, contribuindo também com a preservação e conscientização do meio ambiente e recursos naturais” (Professora da EJA da Escola Mate Masie).

“[...] foi um Projeto bastante incentivador, tanto para as estudantes quanto para as funcionárias devido às mensagens que a gente via pela escola encorajando a autoestima. Através desse trabalho eu passei a acreditar mais em mim, abriu meus olhos para investir mais em mim [...]” (Professora da Escola Duafe).

“Achei muito positivo o efeito das placas colocadas na escola. Instigaram a curiosidade das/os estudantes, beneficiaram o clima escolar e provocaram reflexos imediatos nas/os estudantes, valorizando a autoestima em cada uma/um” (Professora da Escola Sankofa).

À medida que as mulheres e as meninas, tanto as trabalhadoras quanto as estudantes das escolas, contemplavam as placas, cada uma se sentia incentivada a melhorar a autoestima delas. Segundo as impressões das professoras o Projeto possibilitou o fortalecimento das identidades das estudantes, bem como, de todas as sujeitas que conviviam nos contextos escolares. Como bem coloca Rocha (2012), é indispensável valorizar ações pedagógicas para uma educação antirracista e antissexista na escola, para que as estudantes se posicionem de forma reflexiva e crítica na e para a realidade em que estão inseridas.

O Projeto promoveu uma educação antirracista e antissexista por meio dos encontros, das rodas de conversas e do diálogo. Enfatizou os processos de escuta sensível por parte das coordenadoras que provocaram posturas transformadoras, tanto nas estudantes quanto nas coordenadoras, devido ao maior interesse das estudantes nas vivências da sala de aula e ao engajamento e senso de pertencimento no contexto escolar. O Projeto acabou se tornando uma ação afirmativa positiva para o grupo de alunas pois proporcionou uma escuta sensível por parte das coordenadoras; posturas (trans)formadoras, melhoria na aprendizagem e engajamento no ambiente escolar por parte das estudantes.



Além disso, fomos capazes de instigar e sensibilizar toda a comunidade escolar para os objetivos do Projeto durante o ano escolar. Todavia, percebemos que as ações precisam ser sistemáticas e constantes. Assim, como a pesquisa de Marinho, Reis, Oliveira e Lopes (2023), foi possível verificar uma assimilação positiva dos elementos da cultura afro-brasileira, além da criação de uma perspectiva futura de articulação maior e mais frequente dos espaços de cuidado/promoção de saúde com escolas públicas geridas pelo município, atuando com e para o enfrentamento das vulnerabilidades, reforçando a necessidade de uma educação antirracista e minimizando os impactos do racismo. No projeto “Ser bonita é ser você: projeto sobre empoderamento feminino em escolas” procuramos desenvolver uma educação antirracista e antissexista também.

Notamos que as ações pedagógicas desenvolvidas pelas coordenações afetaram de modo positivo o clima escolar. Em virtude dessa satisfatória experiência temos grande interesse em expandi-la para além dos muros das escolas. Esperamos que essa experiência possa contribuir para outras pesquisadoras e pesquisadores da área da educação, no sentido de propiciar vivências similares em outros espaços, enfatizando a importância de se desenvolver novas estratégias educativas no cotidiano escolar.

CONCLUSÃO

Precisamos destacar alguns pontos desafiantes para que o Projeto acontecesse. No que diz respeito ao espaço para as rodas de conversa, estas nem sempre aconteciam em lugares fechados ou salas, às vezes, escolhíamos algum espaço externo; em outros momentos, não tínhamos escolha, as rodas de conversa precisavam acontecer em espaços abertos porque as salas indicadas estavam sendo usadas. Todavia, é importante salientar que o tempo para o planejamento das coordenações eram curtos, o que demandava decisões rápidas. Fazer parcerias com setores da escola, algumas vezes, foi desafiante pois, tínhamos que sair da rotina para que os encontros acontecessem. Houve também a necessidade de flexibilização do horário, devido a vários motivos, dentre eles, avaliações externas, avaliações e trabalhos, necessidade da substituição por parte das coordenadoras.



A experiência em desenvolver esse Projeto em escolas do ensino fundamental nos mostrou que se faz necessário abordar a metodologia dos encontros, rodas de conversa com as estudantes no cotidiano das turmas para manter uma relação horizontal entre as pessoas. As estudantes demonstraram, a todo momento, que queriam ser escutadas, tinham o desejo de que a didática em sala de aula também pudesse ter momentos de encontros e falas nas turmas. Elas também reforçaram o desejo de serem protagonistas no cotidiano escolar.

Consideramos que esse Projeto pode trazer contribuições científicas e acadêmicas no sentido de enfatizar a necessidade de formações para docentes e demais profissionais das escolas, com objetivo de valorizar as relações étnico-raciais e de gênero na escola.

A estratégia dos encontros mostrou-se como ferramenta capaz de convocar as estudantes para ocuparem um espaço coletivo de produção de cuidado nas relações intrapessoais e interpessoais.

Embora tivéssemos desafios, fixamos nossas ações pedagógicas na possibilidade de garantir uma educação de qualidade social e com equidade étnico-racial e de gênero para os grupos de alunas em cada escola que trabalhamos. Procuramos alguma brecha em meio às situações desafiadoras e seguimos com as práticas do cuidar, do olhar sensível e ético em busca de uma Educação que transforma e que amplia as possibilidades de uma vida escolar com acolhimento e escuta.

REFERÊNCIAS

Assis, D. N. C. (2019). *Interseccionalidades*. Salvador: UFBA.

Bairros, L. (1995). Nossos feminismos revisitados. *Revista Estudos Feministas*, 3, 458-463. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16462>.

Belo Horizonte. Secretaria de Educação. (2015). *Diretrizes da Educação para as Relações de Gênero da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Educação.

Brasil. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. (2015). Década Internacional dos Afrodescendentes. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/igualdade-etnico-racial/acoes-e-programas-de-gestoes-anteriores/decada-internacional-dos-afrodescendentes>. Acesso em: 09.10.2023



Guimarães, A. M., Reis, L. A., Oliveira, A. S. de, & Oliveira Santana Lopes, A. (2023). Perfil Epidemiológico de Idosos acometidos pela COVID-19. *Saúde Coletiva* (Barueri), 13(86), 12681-12688. <http://revistasau decoletiva.com.br/index.php/sau decoletiva/article/view/2894>.

Gomes, N. L. (2006). *Identidades e Corporeidades Negras*. Reflexões sobre uma experiência de formação de professores(as) para a diversidade étnico-racial. Belo Horizonte: Autêntica.

Hooks, B. (2013). *Ensinando a transgredir*. a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes.

Magalhães, S. (2011). Afetar e sensibilizar na educação: uma proposta transdisciplinar. *Linhas Críticas*, 17(32), 163-181.

Ribeiro, D. (2019). *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras.

Rinaldi, C. (2016). A pedagogia da escuta: a perspectiva da escuta em Reggio Emília. In: Edwards, C., Gandini, L., & Forman, G. (Orgs.). *As cem linguagens da criança* (p. 235-247). Porto Alegre: Penso.

Rocha, R. M. de C. (2012). *Almanaque pedagógico afro-brasileiro* (3ª ed.). Belo Horizonte: Mazza Edições.

Rossini, R. E. (2006). *Ensino e educação com igualdade de gênero na infância e na adolescência: Guia prático para educadores e educadoras*. São Paulo: USP.

Silva, A. B. (2022). Pertencimento racial e primeira infância: relato de experiências sobre a valorização da cultura afro-brasileira através de atividades lúdicas. *Revista de Educação Infantil*, 10(2), 123-145.

Tolentino, L. (2018). *Outra Educação é Possível: Feminismo, Antirracismo e Inclusão em Sala de Aula*. Belo Horizonte: Mazza Edições.

UFMG. Universidade Federal de Minas Gerais. Espaço do Conhecimento. (s.d.). *Tecnologia ancestral africana: Símbolos Adinkra*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/tecnologia-ancestral-africana-simbolos-adinkra/>